

## **Rankings Acadêmicos Globais Pioneiros e o reconhecimento de universidade “classe do mundo”**

**ROSILENE CARLA VIEIRA**  
ESPM  
vieira\_rosi2@hotmail.com

## **Rankings Acadêmicos Globais Pioneiros e o reconhecimento de universidade “classe do mundo”**

### **RESUMO**

No presente ensaio acadêmico pretende-se refletir sobre o papel forjado pelos *rankings* globais pioneiros - *Academic Ranking of World Universities-ARWU* e *Times Higher Education Quacquarelli Symonds World University Rankings – The Top 200 World Universities-THE-QS* - acerca do que seja uma universidade “classe do mundo ou mundial”. Para fundamentar a reflexão de caráter qualitativo fez-se uso da pesquisa bibliográfica associada à pesquisa documental voltado à área de Educação Internacional, objetivando responder: o que a crescente utilização dos *rankings* globais revela nessa busca pelo selo “universidade classe mundial”? A parte bibliográfica ateuve-se a artigos acadêmicos e livros cujos assuntos discorreram sobre a origem e atribuições das universidades, internacionalização de ensino superior, avaliação e *rankings* internacionais pioneiros. Para tanto o Institucionalismo foi o arcabouço teórico que norteou a compreensão deste, centrado nos autores DiMaggio e Powell (1983), North (1990), Scott (1999), Kostova e Zaheer (1999) e Machado da Silva e Fonseca (1996 e 2002). No que diz respeito à pesquisa documental foi realizada consultas tanto de materiais disponíveis em diversos sítios sobre o tema dos *rankings* globais, bem como de informações contidas nos sítios oficiais dos *rankings* globais pioneiros. Os resultados obtidos revelam a ausência de uma definição do que de fato venha a ser uma universidade designada classe mundial por parte do meio acadêmico. Ficando as universidades, dessa maneira, a mercê de forças exógenas como a dos *rankings* globais pioneiros, a fortalecer a hegemonia do hemisfério norte. Logo, internacionalmente falando, universidades latino-americanas, à exemplo, podem não ser as mais notáveis pelo posicionamento obtido nos *rankings* acadêmicos globais. Porém os resultados beneficiam a manutenção da competitividade dessas universidades, propiciando a alocação de recursos que necessitam, seja interna ou externamente.

**Palavras-chave:** *Rankings* Acadêmicos Globais; Internacionalização do Ensino Superior; Estratégia; Institucionalismo; Universidade Classe Mundial.

## 1 INTRODUÇÃO

No século XXI foram criados os dois primeiros *rankings* acadêmicos globais. Em 2003 a Universidade Jiao Tong de Xangai desenvolve o *Academic Ranking of World Universities-ARWU* e um ano depois (2004) é criado o *Times Higher Education Quacquarelli Symonds World University Rankings – The Top 200 World Universities-THE-QS* pela empresa TSL Education Ltd (revista *Times Higher Education – THE*), em parceria com a *QS Quacquarelli Symonds Ltd*, sendo essa última responsável pela coleta dos dados. Não sem razão de ser, a publicação anual dos resultados dos referidos *rankings* ocorre entre os meses de agosto/setembro (ARWU) e em outubro/novembro o (THE-QS) e é aberto à consulta pública por meio da *web*.

Observa-se que esses dois *rankings* ganharam notória visibilidade, integraram a agenda de discussão em fóruns acadêmicos e não acadêmicos, e permitem análises comparativas sobre a internacionalização da educação superior. A metodologia empregada em relação à coleta de dados dá origem às classificações mundiais de universidades elegidas (DILLeSOO, 2005; HARFIeMATHIEU, 2006; BILLAUT et al., 2010; STAMELOS, 2010; THÉRY, 2010). Tais resultados têm servido de auxílio a pais e estudantes na escolha de instituições de educação superior internacional de maior prestígio na área de formação desejada, bem como as instituições de ensino superior. Os *rankings* são utilizados como ferramenta de gestão: “expansão quantitativa; uma crescente privatização; uma significativa diversificação institucional; crescentes restrições às despesas públicas (...)” (AUDIZeMOROSINI, 2009, p. 38).

Isto equivale afirmar que a partir do século XXI, com o surgimento dos *rankings* acadêmicos globais, seus resultados podem gerar externalidades positivas para as instituições de educação superior mais bem classificadas, tanto no que se refere ao fluxo de estudantes internacionais, quanto na captação de fundos públicos (provenientes do Estado) e privados (provenientes de doações e de investimentos de acionistas). O texto de Hazelkorn corrobora com o afirmado:

“Os *rankings* globais têm promovido um grande debate sobre a contribuição do ensino superior para a competitividade global das nações. Instigando, especialmente em decorrência da crise financeira global, considerável discussão sobre o balanço entre valores sociais e requisitos em relação ao desenvolvimento do capital humano através de um ensino superior universal e da habilidade de uma nação para competir no mundo da ciência. (...) Os *rankings* sustentam as exortações do governo sobre ser (o ensino) mais competitivo e sensível ao mercado e clientes, definindo uma missão distinta, sendo mais eficiente ou produtivo e tornando-se classe mundial”. (HAZELKORN, 2011, p.183)

Resgatando o último termo da citação acima, “tornando-se classe mundial”, os *rankings* globais vêm servindo de parâmetro acerca do que seja uma universidade “classe do mundo ou mundial”. Termo cunhado nesse período pelo qual transcorre um grande fluxo de mobilidade acadêmica e estudantil, porém ainda sem definição. Coadunado ao fato dessa falta de definição, Henry M. Levis, Dong Wook Jeong e Dongshu Ou, em março de 2006, na Conferência de Comparativo & Sociedade de Educação Internacional (*Conference of the Comparative & International Education Society*), realizada em Honolulu asseguraram que definição do que faz uma universidade de classe mundial é subjetiva. Por definição, uma universidade classe mundial é aquela na qual existe um acordo generalizado de uma reputação de classe mundial - que é um dos melhores do mundo. Na mesma trilha, Francisco Marmolejo, no III Fórum de Internacionalização da Universidade do Estado de São Paulo - UNESP, em novembro/2011, silenciou a audiência ao iniciar sua apresentação indagando o que é uma universidade *classe do mundo*? Os conferencistas Jamil Sami e Phil Baty, no encontro ocorrido em julho de 2012, organizado pela pró-reitoria de Graduação e Centro de Estudos Avançados da Unicamp, para referir-se a não definição de universidades de classe mundial fizeram uso de uma citação de Altbach (2004, p. 2): “todos querem uma, ninguém sabe o que é, e tampouco alguém sabe como adquirir uma”.

A busca por tornar-se uma universidade classe pode ser atrelada a uma estratégia que vem sendo muito utilizada no mundo contemporâneo para lidar com questões econômicas - a internacionalização. A exemplo do processo de internacionalização em andamento no setor do ensino superior a partir de 1990 acentuou-se após o ano 2000.

Até a década de 60 o processo de internacionalização no setor educacional era marcado pela formalização de acordos de cooperação entre governos e universidades de distintos países. As motivações orientadas para a cooperação se enfraqueceram na década de 90 e uma orientação mais competitiva passou a ganhar força (SLAUGHTER, 1997; SOUZA SANTOS, 1999; CHAUÍ, 2001; DE SOUZA, 2003; KNIGHT, 2005; GOERDEN, 2008; AUDIZeMOROSINI, 2009; DIAS SOBRINHO, 2010; BALBACHEVSKY, 2011; HAZELKORN, 2011; LIMAeCONTEL, 2011).

Em um ambiente em que resida a competição o ato de classificar pode ser apontado como um recurso a mais no entendimento da posição ocupada pelos concorrentes (pares) no mercado. Além disso, a posição alcançada em uma lista classificatória (*ranking*) pode também proporcionar algumas prerrogativas à entidade

ranqueada. Nesta altura do raciocínio convém questionar: o que a crescente utilização dos *rankings* globais revela na busca pelo selo “universidade classe mundial”?

Nessa direção faz-se necessário localizar os motivos que justificam a emergência dos *rankings* globais pioneiros e um breve histórico de seus dirigentes. Seguido de uma análise acerca de o lugar dos rankings no processo de transformação das universidades, dando pistas sobre o rumo do processo de internacionalização da educação superior. E por último, caberia entender o quê esses primeiros *rankings* globais vem sinalizando por uma universidade “classe do mundo”.

Para fundamentar a reflexão fez-se uso da pesquisa bibliográfica associada à pesquisa documental. A parte bibliográfica teve-se a artigos acadêmicos e livros cujos assuntos discorreram sobre a origem e atribuições das universidades, internacionalização de ensino superior, avaliação e *rankings* internacionais pioneiros. Para tanto o Institucionalismo foi o arcabouço teórico que norteou a compreensão deste, centrado nos autores DiMaggio e Powell (1983), North (1990), Scott (1999), Kostova e Zaheer (1999) e Machado da Silva e Fonseca (1996 e 2002). No que diz respeito à pesquisa documental foi realizada consultas tanto de materiais disponíveis em diversos sítios sobre o tema dos *rankings* globais, bem como de informações contidas nos sítios oficiais dos rankings globais pioneiros.

## **2 O SURGIMENTO DOS RANKINGS ACADÊMICOS GLOBAIS E SEUS DIRIGENTES**

A dimensão atribuída à importância da avaliação precipuosamente pelo Governo, à exemplo no Brasil a reforma de Estado 1995<sup>1</sup>, remete, na contemporaneidade, a um estado aparentemente nítido de competição vivenciado pelas universidades com adoção de práticas classificatórias. Segundo a literatura institucionalista econômica (NORTH, 1990; SCOTT, 1995), para que a competição seja

---

<sup>1</sup>Com a reforma do Estado – Lei no 9.131 de 24.11.95 – que tratou da criação do Conselho Nacional de Educação (CNE) que, por sua vez, instituiu o sistema de avaliação das universidades – Exames Nacionais de Cursos (ENC), conhecido popularmente como Provão que vigorou de 1996 a 2003 (PITOLI, 2004, p.46).

Adicionalmente, em 20 de dezembro de 1996 instituiu-se a nova Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDB, no 9.394, incumbindo a União segundo o Ato no 9 incisos VIII e IX de “assegurar o processo nacional de avaliação das instituições de educação superior” e “autorizar, reconhecer, credenciar, supervisionar e avaliar, respectivamente, os cursos das instituições na educação superior”. Sendo essa fase, portanto, marcada pela “(...) institucionalização dos mecanismos de avaliação das Instituições de Ensino Superior – IES, como principal política pública federal para o período, fazendo emergir a figura do Estado regulador” (LIMAECONTEL, 2011, p.45).

instaurada é necessário que se imprima “padrões de concorrência” produzidos por meio da interação entre as partes concorrentes (pares), como por exemplo, o preço, a qualidade e a diferenciação de produto, a sofisticação das instalações etc. No geral, esses fatores engendram “forças concorrenciais (que) refletem as características estruturais do mercado e as condutas das organizações que nele atuam” (MACHADO DE SILVA e FONSECA, 1996, p. 101).

A classificação, por sua vez, permite “fragmentar, decompor um grande grupo em unidades menores” (DEMO, 1999 apud LIMA, 2002, p.99), viabilizando um panorama segmentado da realidade. Essa prática facilita a detecção de formas de concorrência entre organizações de um mesmo setor, bem como potencializa a formulação de estratégias, como a elaboração de novas formas de políticas públicas por parte do Governo. Por essa e por outras razões, os *rankings* acadêmicos globais pioneiros “são percebidos e utilizados para determinar o *status* de (universidades) individuais, avaliar a qualidade e o desempenho do sistema de ensino superior e mensurar a competitividade global” (HAZELKORN, 2011, p.4).

Cabe questionar o que levou a necessidade de classificar e medir o desempenho das universidades em âmbito internacional. Invocando Souza Santos, chama-se atenção para a década de 1970 na qual

“o consenso sobre a relação entre o declínio da produtividade e a desaceleração da mudança tecnológica coloca no centro da saída da crise a questão da velocidade e eficiência com que se pode traduzir o conhecimento científico em produtos e processos úteis e, conseqüentemente, no centro da questão, a universidade e a investigação científica que nela tem lugar” (SOUZA SANTOS, 1999, p.202).

O sistema econômico passa a valorizar o conhecimento como fator de geração da inovação e a universidade ganha evidência. Noutras palavras, o crescente mercado global de educação orienta-se pelo incremento do conhecimento capaz de gerar novas tecnologias e promover a inovação no setor produtivo, com implicações geopolíticas. No caso da China, com a abertura e modernização do mercado chinês decorrentes de uma sucessão de fatos que vão desde a revolução cultural de 1966-69, morte do ditador comunista chinês Mao (em 1976), até a posse (em 1978) do líder comunista, modernista e reformista Deng Xiaoping. Em junho 2003 a primeira lista classificatória de universidades com cobertura mundial é lançada: o *Academic Ranking of World*

*Universities-ARWU* produzida pela Universidade Jiao Tong de Xangai.<sup>2</sup> Percebe-se que “as estratégias, (como por exemplo, a criação do ARWU,) são frutos de interação entre agentes internos e externos envolvidos por circunstâncias econômicas, sociais e históricas específicas” (MACHADO DA SILVAeFONSECA,2002, p.107). Por conseguinte, observa-se que a criação desse *ranking* faz eco à premência do país por modernização, desde final da década de 70, já que o *ranking* ARWU é viabilizado através de um:

“(…) pedido do governo chinês ao Intitute of *Higher Education* da Universidade Jiao Tong de Xangai (recentemente rebatizada de *Shanghai Graduate School of Education, GSE-SJTU*) para mensurar a diferença entre as universidades chinesas e as conceituadas universidades estrangeiras e identificar, dessa maneira, as universidades para o envio de alunos chineses (bolsistas)” (THÉRY, 2009,p. 3).

Nas palavras de Nian Cai Liu (2009), diretor do *Center for World-class Universities-CWCU*, presidente da *Graduate School of Education* da Universidade Jiao Tong de Xangai e que juntamente com Professor Ying Cheng dirige um pequeno grupo de pessoas vinculadas ao instituto responsável pela elaboração do *ranking* ARWU. Segundo eles “... começamos a trabalhar na classificação das universidades em 1998, devido ao estímulo dado pelo governo chinês, o “projeto 985”. (...) Insistem (LIUeCHENG, 2005, p.135) sobre o fato de não haver renumeração para realizar a classificação e que o fazem por interesses acadêmicos” (BILLAUT et all, 2010, p. 3). De acordo com Liu e Cheng (2005) “(...) o *ranking* de Xangai (ARWU) corresponde em primeiro lugar a uma meta nacional para, em 2020, a China dispor de universidades de reputação mundial de melhor política de ensino superior, particularmente referente à alocação de recursos (programas de bolsa)” (HARFIeMATHIEU, 2006, p.102).

Se na origem o *ranking* ARWU objetivava atender ao pedido do governo chinês, no presente seus resultados atingem país, alunos, gestores internacionais e atores nacionais (exs.: CAPES e CNPq), regionais (exs.: Departamento dos Estados Unidos de Educação – *The US Department of Education*; ou Associação de Universidade Européia – *The European University of Education*) ou internacionais e multilaterais (exs.:

---

<sup>2</sup>Embora oficialmente o primeiro *ranking* acadêmico em âmbito internacional tenha sido lançado em 2003, “de acordo com Webster (1986, p. 14), o homem que 'inventou' os *rankings* foi James McKeen Cattell em 1910. Sua versão 1910 da *American Men of Science* mostrou a força científica das principais universidades usando a reputação de investigação dos membros de seu corpo docente. Cattell pesava a proeminência dos cientistas empregados e a relação de cientistas favoritos a fim de chegar a uma escala final. O *ranking* de Cattell foi um importante divisor de águas, apesar de a verdadeira virada histórica vir acontecer apenas em 1959, quando *rankings* com ênfase nos fatores de reputação começaram a destacar-se” (HAZELKORN, 2011, p. 29).

UNESCO, OCDE e BM). A adoção de práticas isomórficas<sup>3</sup> tem norteado as ações governamentais antecipando a previsão de expansão do público. Práticas, nesse contexto, consideradas de “inferência de caráter mimético/cognitivo” (DiMAGGIOePOWELL, 1983; SCOTT, 1995; KOSTOVAeZAHEER, 1999) em que as organizações buscam seguir sem imposições, mas por uma necessidade externa, à exemplo dos indicadores de classificações acadêmicas globais – ARWU, THE-TR e QS.

Levando em conta a tendência de o setor de educação superior se internacionalizar, particularmente com a elaboração de políticas de atração de estudantes internacionais pagantes, há uma premência por classificações mundiais que possam imprimir quais são e onde estão sediadas as chamadas “universidades classe do mundo”. Para tanto, no ano subsequente à publicação ARWU (2004) é lançado pela empresa londrina TSL Education Ltd. em parceria com a QS Ltd. o segundo *ranking* global (*Times Higher Education Quacquarelli Symonds World University Rankings: The Top 200 World Universities- THE-QS*).<sup>4</sup>

Destaca-se que o segundo *ranking* denominado global não possui vínculo direto com o meio acadêmico. Tampouco os responsáveis pela edição do THE-QS foram ou são dirigentes, pesquisadores ou professores de universidade. Os responsáveis pelas três primeiras edições do THE-QS foram John O’Leary e Martin Ince. O primeiro é o editor chefe, graduou-se na Universidade de Sheffiel e atuou por oito anos como editor da seção de Educação da The Times. É responsável também pela edição do guia intitulado *The Times Good University Guide*, um *ranking* destinado às universidades britânicas e publicado anualmente desde 1993. O segundo, Ince, era responsável pela produção do THE-QS, jornalista, conselheiro de mídia para diversos conselhos de pesquisa britânica e escritor de vários livros sobre ciência e educação (*Assessing Quality*, 2005). Ambos O’Leary e Ince “deixaram em 2007 a revista *Times Higher Education-THE*, ou seja, a

---

<sup>3</sup>Nesse trabalho, isomorfismo é entendido pela perspectiva de Hawley (1968 apud DIMAGGIO e POWELL, 1983, p. 149) como “um processo restritivo que força uma unidade em uma população a se assemelhar a outras unidades que se defrontam com o mesmo conjunto das condições ambientais”. Como aclarado por Machado da Silva e Fonseca (1996, p. 105), “(...) em cada sociedade os princípios fundamentais de controle (as práticas isomórficas) são extraídos de fontes institucionais como o Estado, a comunidade ou a família, motivando a formação de interações previsíveis em múltiplos contextos, como o fiscal, o econômico, o político e o cultural”.

<sup>4</sup>É pertinente esclarecer que a revista especializada em Educação adquirida desde 1990 pela empresa londrina TSL Education Ltd., cujo nome era The Times Higher Education Supplement-THES, mas que foi renomeada de Times Higher Education-THE em dezembro de 2008, e o jornal “The Times” não possuem qualquer ligação com o ranking THE-QS, embora muitos pensem que seja o jornal “the Times” de Londres é a instituição responsável por sua publicação.

empresa TSL Education Ltd, para juntar-se à equipe da parceira QS Quacquarelli Symonds Ltd.”, responsável pela coleta de dados que resultam o *ranking*THE-QS.

O atual editor chefe do *ranking* e editor adjunto da revista *Times Higher Education-THE*, Phil Baty, é jornalista e detentor de vários prêmios notórios no segmento jornalístico como descrito no próximo sítio da *Times Higher Education-THE*<http://www.timeshighereducation.co.uk/biography.asp?contact=12>.

Já o diretor fundador da QS, Nunzio Quacquarelli, ele possui dois MBAs, um pela *Wharton School*, vinculado à Universidade da Pensilvânia nos Estados Unidos e outro pela universidade britânica de Cambridge. Na *Wharton School* liderou um grupo que ganhou o Prêmio *Moot Corp Business* em 1990, uma competição entre equipes de escolas *tops* americanas e europeias. Além de dirigir a própria empresa, há 15 anos Nunzio escreve regularmente para *The Times* sobre gestão de educação e carreira. Também contribui para outras importantes mídias no mundo como *The Guardian* (Reino Unido), *Handelsblatt* (Alemanha), *Financial Times*, entre outros.

Sem apontar nenhuma vivência na área de docência, pesquisa e tampouco acumular experiência no meio acadêmico, as breves descrições dos perfis dos responsáveis pelo segundo *ranking* global subsidiam mais algumas pistas acerca da utilização do mecanismo “*rankings* globais” na condução do ensino superior, traçando um caráter ligado à competitividade e lucratividade. Como reforça a introdução padrão das edições do *ranking* THE-QS de 2004 a 2009, respectivamente, em sua página da Internet ao expressar:

“Eles (os *rankings* editados) são regularmente utilizados por alunos de nível de graduação ou pós-graduação para auxiliar na escolha de cursos, por acadêmicos para tomar decisões de carreira, pela equipe de pesquisadores para identificar novos parceiros colaborativos e *pelos dirigentes da universidade para aferir seus desempenhos e traçar prioridades estratégicas.*”

O breve relato da criação dos dois primeiros *rankings* acadêmicos de dimensão internacional corrobora com a defesa de Dimaggio e Powell (1983, p.150) que há dois tipos de isomorfismo: competitivo e institucional. Ou seja, por um lado “tratam de isomorfismo competitivo, assumindo uma racionalidade do sistema que enfatiza a competição de mercado, mudança de nicho, medidas de desempenho”, como pode ser exemplificado na criação do segundo *ranking* global – THE-QS. Por outro, o isomorfismo institucional ao atentar ao fato “que as organizações não competem só por recursos e clientes, mas também por poder político e legitimidade institucional”, como pode ser evidenciado com a criação do primeiro *ranking* global - ARWU.

A internacionalização do ensino superior, por fim, parece apoiar-se em práticas miméticas no estabelecimento de algum norte. As universidades perseguem a obtenção dos indicadores dos primeiros *rankings* acadêmicos globais para receber a concessão de um título internacional – classe do mundo – com o intuito de legitimarem sua competitividade.

### 3 O LUGAR DOS *RANKINGS* NO PROCESSO DE TRANSFORMAÇÃO DAS UNIVERSIDADES

Atendo-se ao regime em vigor (o capitalismo) com marcante influência estadunidense e inglesa, trazem algumas percepções reveladoras sobre o reforço de um dos conceitos de universidade abordados por Drèze e Debelle de uma educação de caráter técnico visando o progresso. Uma educação superior em busca expressivamente de “(...) descoberta em laboratório que se prolongará em uma invenção técnica cuja aplicação constituirá (...) uma inovação industrial” (DRÈZE e DEBELLE, 1968, p.73). A universidade passa a adequar-se a novas regras de como fazer e agir atendendo às demandas econômicas, configurando-se como uma organização (MACHADO DA SILVA e FONSECA, 2002; NORTH, 1990; SCOTT, 1995). North (1990, p.03) define as organizações como sendo:

“os organismos políticos (partidos políticos, o Senado, um conselho municipal, uma agência reguladora), as entidades econômicas (empresas, sindicatos, fazendas familiares, cooperativas), os órgãos sociais (igrejas, clubes, associações atléticas) e educacionais (escolas, universidades, centros de treinamento técnico). **Conceitualmente o que deve ser claramente diferenciado são as regras (instituições) dos jogadores (organizações).** (Isso que dizer que) **as organizações são criadas com a intenção proposital** em consequência do conjunto de oportunidade resultante do atual conjunto de restrições (...) e **no curso de tentativas de realizar os seus objetivos** são o principal agente de mudança institucional” (NORTH, 1990, p. 03).

Resumidamente e de forma geral, percebe-se que ao criarem as organizações, como a universidade, “os indivíduos agem em conformidade com os seus interesses - em vez de humildemente submeter às restrições da estrutura social” (SCOTT, 1995, p.24). Assim sendo, dentre as tentativas visualizadas pela universidade de responder as novas restrições – especificamente de cunho mercadológico – farão uso de instrumentos de avaliação. Oportunamente se resgata Dias Sobrinho (2010, p. 201) ao destacar que “a avaliação, de modo consequente, é levada a cumprir papel central na funcionalização econômica da Educação Superior, nos conceitos e metodologias mais apropriados ao mercado (...) que aos propósitos amplamente educativos de formação humana integral”.

Arelado a esse objetivo e sem a definição do que seja universidades classes mundiais em âmbito internacional novamente percebe-se que as listas classificatórias globais pioneiras vão conquistado espaço e importância como um parâmetro entre os governos nacionais, internacionais e organismos multilaterais intergovernamentais para também legitimar políticas relacionadas à mobilidade acadêmica e estudantil. No entender de Dale (2004, p.441) “todos os quadros regulatórios nacionais são agora, em maior ou menor medida, moldados e delimitados por forças supranacionais, assim como por forças político-econômicas nacionais”.

#### **4 ATORES QUE CONTRIBUEM PARA O FORTALECIMENTO DOS RANKINGS ACADÊMICOS GLOBAIS**

Não se pode esquecer que o assunto *rankings* acadêmicos globais é muito recente, datado de 2003. A literatura que diz respeito à problematização da inserção internacional do ensino superior, como exemplo da América Latina, configurada na esfera global é bastante tímida. Nessa perspectiva, percebe-se a existência de um modelo de internacionalização assentado em um “caminho único (...) sem que tenham (as universidades) resgatado o caminho sensível da sua localização em sua região” (LEITE, 2011, p. 13).

Nessa perspectiva, cabe indagar quais são, portanto, os atores nacionais e internacionais no mercado contemporâneo a fomentar a necessidade das universidades recorrerem aos *rankings* globais ARWU, THE-TR ou QS como uma via de internacionalização para atrair estudantes internacionais, professores, parceiros e investidores estrangeiros?

Em menção aos atores nacionais de uma forma ou de outra alimentam a valorização dos *rankings* globais pioneiros, como já muito proferido nesse trabalho, há o Estado por reduzir recursos financeiros destinados às instituições de ensino superior. Vale frisar que Estado não é um ator organizacional como outro qualquer, pois exerce autoridade sobre as demais organizações (SCOTT, 1992). Ademais, a indústria local a impulsionar a busca de mão de obra especializada devido à acirrada competitividade com a abertura do mercado na década de 90. Por fim, mais de grande relevância também, o corpo dirigente das universidades, reitores e seus diretores, em busca de indicadores que concedam as suas universidades um *status* internacional. A título de ilustração da importância dada à internacionalização internamente nas universidades, o reitor da USP deu início ao 3º Encontro de Dirigentes da USP em outubro de 2012 fazendo

referência às classificações significativas que a universidade tem obtido nas recentes edições dos *rankings* acadêmicos globais. Proferiu que “nossas pontencialidades têm ficado evidentes nos últimos dois anos, mas, para nos mantermos nessas posições, precisamos trabalhar juntos, mesmo que com consensos parciais, para continuarmos melhorando”.<sup>5</sup>

Dentre os atores internacionais, há a Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico-OCDE e o Banco Mundial, órgãos multilaterais e intergovernamentais, que desempenham papéis de destaque na orientação da internacionalização da educação superior e na tentativa de definição do que seja uma universidade classe mundial. Dado o modo como esses organismos foram criados e são geridos como descritos abaixo, é notória a liderança dos países centrais a salvaguardar seus interesses e a contribuir para a validação da atuação dos *rankings* internacionais (*ARWU*, *THE-TR* e *QS*) como um mecanismo estratégico para angariar recursos financeiros, mantendo suas posições de países anfitriões de discentes, docentes e pesquisadores estrangeiros.

A OCDE foi criada em 30 de setembro de 1961, em substituição a Organização para a Cooperação Econômica Européia-OECE fundada em 16 de abril de 1948 e liderada pelo francês Robert Marjolin, objetivando ajudar a administrar o Plano Marshall (viabilizado por recursos canadense e americano) colocado em prática com a intenção de ajudar na reconstrução da Europa após a Segunda Guerra Mundial. De forma geral, pode-se dizer que a OCDE é uma espécie de extensão da OECE, pois em 1961 passaram a compor o grupo países não europeus, os de economias de alta renda com um alto Índice de Desenvolvimento Humano-IDH (em suma países centrais), com exceção hoje do Chile, México e Turquia. Na atualidade são 34 países membros da OCDE: Alemanha, Austrália, Áustria, Bélgica, Canadá, Chile, Coreia do Sul, Dinamarca, Eslovênia, Eslováquia, Espanha, Estados Unidos, Estônia, Finlândia, França, Grécia, Holanda, Hungria, Islândia, Irlanda, Israel, Itália, Japão, Luxemburgo, México, Nova Zelândia, Noruega, Polônia, Portugal, Reino Unido, República Tcheca, Suécia, Suíça e Turquia. Contudo, há em média 50 países não membros que participam como “informantes”. Vale frisar que desde 2007 o conselho ministerial da OCDE decidiu reforçar a cooperação com o Brasil, China, Índia, Rússia, Indonésia e África do Sul. Isto se deve ao crescimento econômico brasileiro, chinês, russo e indiano, os considerados países

---

<sup>5</sup> Informações extraídas do Boletim *USP Destaques* editado pela Assessoria de Imprensa da USP, No 68, 31 de outubro, 2012.

emergentes. Em relação à Indonésia e à África do Sul pode-se inferir que seja por serem países populosos e as respectivas economias estarem em desenvolvimento.

A missão do organismo, de acordo com a sua página eletrônica reside em “*promover políticas que incrementem a econômica e o bem estar das pessoas mundialmente*”.<sup>6</sup> No que se refere à educação internacional, a OCDE possui um departamento denominado *Institutional Management of Higher Education- IMHE* cuja missão consiste em dissertar sobre a internacionalização do ensino superior, promovendo fóruns e divulgando relatórios, publicações e livros sobre o tema, na maioria dos casos comercializados no *site* da própria OCDE.

Outro órgão a trazer na pauta de sua agenda o tema da internacionalização do ensino superior é o Banco Mundial. Esse organismo surgiu da criação do Banco Internacional para Reconstrução e Desenvolvimento-BIRD nas Conferências de Bretton Woods, em 1944, junto com o Fundo Monetário Internacional-FMI e o Acordo Geral de Tarifas e Comércio-GATT. Sendo o Banco Mundial presidido por um norte-americano, enquanto o FMI por um europeu. Ressaltando que logo após a Segunda Guerra Mundial, os Estados Unidos e o Reino Unido dominaram as negociações nas Conferências de Bretton Woods. A missão inicial era financiar a reconstrução dos países devastados pela Segunda Guerra Mundial. Com o tempo os objetivos modificaram-se, passando a dar suporte financeiro a países periféricos.<sup>7</sup> A partir de 1963 o Banco Mundial começa ativamente a investir em projetos educacionais.<sup>8</sup>

As descrições deixam claras que tanto a OCDE quanto o Banco Mundial são operados por forças da região Norte (especificamente norte-americana e inglesa), comparativamente como os *rankings* THE-TR e QS e, no caso do ARWU a influência sofrida por se basear nessa força dominante, como relatado na seção 2. Fato esse que traz algumas percepções reveladoras dessa hegemonia americana e inglesa reforçando um dos conceitos de universidade abordados por Drèze e Debelles mencionado na seção 3. Essa é uma aproximação que permite entender o envolvimento crescente desses dois

---

<sup>6</sup> Divulgado na página eletrônica da OCDE <http://www.oecd.org/about/> consultado em abril de 2012.

<sup>7</sup> Divulgado na página eletrônica do Banco Mundial. <http://web.worldbank.org/WBSITE/EXTERNAL/EXTABOUTUS/0,,contentMDK:20653660~menuPK:72312~pagePK:51123644~piPK:329829~theSitePK:29708,00.html>, consultado em abril de 2012.

<sup>8</sup> Divulgado na página eletrônica do Banco Mundial. [http://web.worldbank.org/WBSITE/EXTERNAL/TOPICS/EXTEDUCATION/0,,contentMDK:20298183~menuPK:617592~pagePK:148956~piPK:216618~theSitePK:282386,00.html#what\\_why](http://web.worldbank.org/WBSITE/EXTERNAL/TOPICS/EXTEDUCATION/0,,contentMDK:20298183~menuPK:617592~pagePK:148956~piPK:216618~theSitePK:282386,00.html#what_why), consultado em abril de 2012.

organismos multilaterais e intergovernamentais no cenário do processo de internacionalização das universidades.

Em maio de 2011 os referidos órgãos dirigiram a sua atenção aos *rankings* globais ao realizar em conjunto com a UNESCO o primeiro fórum internacional para tratar da questão das listas classificatórias globais vinculadas à internacionalização do ensino superior intitulado “Fórum Global *Rankings* e Responsabilidades na Educação Superior: usos e abusos” (*The Global Forum Rankings and Accountability in Higher Education: uses and misuses*). Em termos genéricos, as discussões desse fórum permearam o caráter econômico imbuído na utilização dos *rankings* (*ARWU, THE-TR e QS*).

Sejam os atores nacionais (Estado, gestores de universidade e etc) ou internacionais de caráter multilaterais e intergovernamentais (Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico-OCDE, o Banco Mundial-BM e etc), ambos reconhecem que os primeiros *rankings* acadêmicos globais são uma ferramenta útil mesmo com as suas imperfeições, pois a chancela de “(...) universidade internacional como caracterizada pelas melhores posicionadas nos *rankings* acadêmicos globais tornou-se a panaceia para assegurar o sucesso na economia global”<sup>9</sup>, segundo Hazelkorn.

Diante do pronunciamento supracitado, a concessão de título internacional a universidade parece implicar em ganho de credibilidade em um contexto institucional particular e amplo. Isso equivale dizer que o “investimento estrangeiro” – à exemplo, das mensalidades pagas pela captação de alunos internacionais – e o “investimento nacional” – recurso(s) proveniente(s) do Estado – tende(m) a ser obtido(s) ou aumentado(s) a certa universidade por essa ser percebida, legitimada como uma parceira “competente e confiável” na arena internacional. Fazendo eco ao exposto, Balbachevsky (2011, p. 515) reitera que “(...) muitos grupos de pesquisa passaram a considerar também as alternativas de acesso a recursos externos, aí incluídos os de organismos e fundações internacionais (...)”. No geral, é nesse sentido novamente que a internacionalização parece atuar como um meio de legitimidade ao contribuir para a aceitação organizacional das universidades.

---

<sup>9</sup>Depoimento divulgado no jornal virtual *University World News* em 22 de maio de 2011. Disponível em: <http://www.universityworldnews.com/article.php?story=20110521105752138>. Consulta realizada em março de 2012.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Cada época é marcada por exigências, interesses e dificuldades próprias e ao tratar do período atual uma de suas marcas é a internacionalização como vantagem estratégica para lidar, principalmente, com questões econômicas. São devido a esses interesses econômicos a sobrepôr os educacionais que faz o setor acadêmico perseguir o selo de “universidade classe do mundo” na contemporaneidade, incidindo sobre o fortalecimento de uma espécie de “capitalismo acadêmico” (SLAUGHTEReLESLIE, 1997). Todavia, ao longo desse ensaio foi evidenciada a ausência de uma definição do que de fato venha a ser uma universidade designada classe mundial por parte do meio acadêmico, bem como a não existência de um mecanismo “oficial” elaborado por acadêmicos a guiar as universidades nessa busca específica. Diante disso, as universidades ficam a mercê de forças exógenas como a dos *rankings* globais pioneiros, a fortalecer a hegemonia do hemisfério norte.

No entanto, na essência do desconforto da academia em relação às listas classificatórias globais reforça-se uma gestão menos acadêmica e mais administrativa, já que se apoia em atos de classificação na tentativa de “nortear” o processo de internacionalização do sistema de ensino superior. Prova disso são os relatos da criação dos *rankings* globais e as descrições do perfil dos dirigentes dos *rankings* THE-TR e QS e dos atores nacionais e internacionais. Além disso pela prevalência das listas classificatórias acadêmicas globais - ARWU, THE-TR e QS percebe-se a incorporação de significados externos de nível macro nas tomadas de ação estratégica de nível micro – no processo interno de conduta das universidades. A abordagem institucionalista (SCOTT, 1990; MACHADO DA SILVAeFONSECA, 2002) permite ir além de uma simples concepção de ajustamento entre necessidades organizacionais e pressões ambientais para uma de legitimação, já que encara a organização (universidade nesse caso) “como socialmente imersa no contexto ambiental (*embeddedness*)” (MACHADO DA SILVAeFONSECA, 2002). Logo, internacionalmente falando, universidades latino-americanas, à exemplo, podem não ser as mais notáveis pelo posicionamento obtido nos *rankings* acadêmicos globais. Porém os resultados beneficiam a manutenção da competitividade dessas universidades, propiciando a alocação de recursos que necessitam, seja interna ou externamente.

Para futuras investigações sobre os primeiros *rankings* acadêmicos globais é sugerido aprofundar o papel e a gestão acadêmica. Já que “em muitas universidades, a

responsabilidade social da universidade foi sendo reduzida às ligações com a indústria.”  
(SOUZA SANTOS, 1999, p. 207).

# **Globally Pioneer Rankings and The Recognition of “World-Class” University**

## **ABSTRACT**

This academic essay aims to reflect on the role forged by the first global rankings - Academic Ranking of World Universities, ARWU Times Higher Education and Quacquarelli Symonds World University Rankings - The Top 200 World Universities-THE-QS - about what is a "world class or global" university. This qualitative reflection made use of literature associated with documentary research focused on the area of International Education, attempting to answer: what does the sharpening use of global academic rankings reveal regarding the search for the label "world class university"? The literature review part addressed to articles and books whose subjects spoke about the origin and functions of universities, internationalization of higher education, evaluation and international rankings pioneers. Additionally, Institutionalism was the theoretical framework that guided this understanding, focusing on the authors as DiMaggio and Powell (1983), North (1990), Scott (1999), Kostova and Zaheer (1999) and Machado da Silva and Fonseca (1996 and 2002 .) Regarding the documentary research was based on materials from sites on the topic of global academic rankings as well as information contained in the official websites of the first global academic rankings. The results reveal the absence of a definition of what actually will be a world class university designated by the academic field. Getting the universities, this way, at the mercy of exogenous forces such as global academic rankings strengthening the hegemony of the Northern Hemisphere. Thus, internationally speaking, Latin American universities, the example may not be the most notable position obtained by the global academic rankings. But the results benefit the maintenance of competitiveness of universities, providing the allocation of resources they need, either internally or externally.

**Keywords:** Global Rankings; the internationalization of higher education; Strategy; Institutionalism; World-Class University.

## Referências Bibliográficas

- ALTBACH, Philip G. "The costs and Benefits of World-Class Universities. **Academe**. 2004. Disponível em <<http://www.aaup.org/AAUP/pubsres/academe/2004/JF/Feat/altb.htm>>. Acesso em julho 2012.
- AUDIZ, Jorge Luis Nicolas ; COSTA MOROSINI, Marília (orgs). **Inovação, universidade e relação com a sociedade**. Dados eletrônicos. Porto Alegre : EDIPUCRS, 2009. Disponível em: <http://www.pucrs.br/edipucrs/inovacao.pdf#page=79>. Acesso em julho de 2012.
- BALBACHEVSKY, Elizabeth. Políticas de ciência, tecnologia e inovação na América Latina: as respostas da comunidade científica. **Caderno CRH**, Salvador, v. 24, n.63, set/dez. 2011, p. 503-518. Disponível em [http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-49792011000300004&script=sci\\_arttext](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-49792011000300004&script=sci_arttext) Acesso em fevereiro de 2013.
- BILLAUT, Jean-Charles; BOUYSSOU, Denis; VINCKE, Philippe. **Faut-il croire le classement de Shangai? Revue de la régulation (En ligne)**, n.8, 2º semestre 2010. Disponível em: <http://regulation.revues.org/index9016.html> DOI: en cours d'attribution. Acesso em abril de 2012.
- CHAUÍ, Marilena. **Escritos sobre a universidade**. São Paulo: Editora UNESP, 2001.
- DALE, Roger. Globalização e educação: demonstrando a existência de uma "cultura educacional mundial comum" ou localizando uma "agenda globalmente estruturada para a educação? **Educação e Sociedade**, Campinas, v. 25, n. 87, p. 423-460, maio/ago. 2004. Disponível em: <http://www.cedes.unicamp.br> Acesso em março de 2013.
- DIAS SOBRINHO, José. Editorial. **Avaliação**. Campinas; Sorocaba, SP, v.16, n.2, p.237-240, jul.2011.
- \_\_\_\_\_. Avaliação e transformações da educação superior brasileira (1995-2009): do provão ao sinaes. **Avaliação**. Campinas; Sorocaba, SP, v.15, n.1, p.195-224, mar.2010.
- DILL, David D.; SOO, Maarja. Academic quality, league tables, and public policy: A cross-national analysis of university ranking systems. **Higher Education**, 2005, 49: 495-533. DOI 10.1007/s10734-004-1746-8.
- DIMAGGIO, Paul J.; POWELL, Walter W. The iron cage revisited: institutional isomorphism and collective rationality in organizational fields. **American Sociological Review** 1983, Vol. 48 (April: 147-160).
- DRÈZE, Jacques ; DEBELLE, Jean. **Conceptions de l'université**. Paris, Éditions Universitaires, 1968.
- GOERDEN, Pedro. Educação Superior entre Formação e Performance. **Avaliação**. Campinas; Sorocaba, SP, v.13, n.3, p.809-815, nov.2008.
- HARFI, Mohamed; MATHIEU, Claude. Classement de Shangai et image internationales des universités: quels enjeux pour la France?. **Horizons stratégiques**, 2006/2 no 2, p. 100-115.
- HAZELKORN, Ellen. **Rankings and The Reshaping of Higher Education: The battle for world-class excellence**. Palgrave Macmillan, 2011.
- KNIGHT, Jane. Modèle d'internationalization ou comment faire face aux réalités et enjeux nouveaux. IN: Banque Mondial/OCDE. **L'enseignement supérieur en Amérique Latine – la dimension international**. Paris: OCDE, 2005.

KOSTOVA, Tatiana; ZAHEER, Srilata. Organizational Legitimacy under conditions of complexity: the case of the multinational enterprise. **Academy of Management Review**; Jan. 1999. Vol. 24, No 1, 64-81.

LEITE, Denise. Avaliação, acreditação, rankings e indicadores de qualidade: implicações para a internacionalização das Universidades. **Simpósio Pensar La Universidad en Sus Contextos**. Jueves 25 agosto 2011, Panel V (Evaluación).

Disponível em [http://fcecoordinacioneducacion.files.wordpress.com/2012/04/denise-leite\\_panelista.pdf](http://fcecoordinacioneducacion.files.wordpress.com/2012/04/denise-leite_panelista.pdf) Acesso em fevereiro de 2013.

LIMA, Manolita Correia; CONTEL, Fabio Betioli. **Internacionalização da Educação Superior: nações ativas, nações passivas e a geopolítica do conhecimento**. São Paulo, Alameda, 2011.

\_\_\_\_\_. **A ideia da universidade subjacente aos programas de avaliação**. 2002. 249 F. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo – USP, São Paulo, 2002.

MACHADO-DA-SILVA, Clovis. L.; FONSECA, Valéria. Silva. Conversação entre abordagens da estratégica em organizações: escolha estratégica, cognição e instituição. **Organizações & Sociedade**, v.9, n. 25, setembro/dezembro 2002, p. 93-109.

\_\_\_\_\_. Competitividade organizacional: uma tentativa de reconstrução analítica. **Organizações & Sociedade**, dezembro 1996, p. 937 -114.

NORTH, Douglass C. **Institutions, Institutional Change and Economic Performance**. Cambridge University Press. 1990.

PITOLI, Adriano. **O problema da assimetria de informação no mercado de cursos superiores – o papel do Provão**. 2004. Dissertação (Mestrado), Departamento de Economia, FEA-USP.

SLAGHETER, Sheila. **Academic capitalism: politics, policies and the entrepreneurial university**. London: The J. Hopkins University Press, 1997.

SCOTT, W. Richard. **Institutions and Organizations**. Sage Publications. International Educational and Professional Publisher. Thousand Oaks: London. New Delhi. 1995

SOUZA SANTOS, Boaventura (Org.). Da ideia de universidade à universidade de idéias. IN: SANTOS, Boaventura de Souza. **Pela mão de Alice: o social e o político na pós-modernidade**. São Paulo: Cortez. 1999, cap. 08.

STAMELOS, Yorgos. **De l'esprit critique au ranking universitaire: pièces d'un puzzle**. Paris, (à paraître). 2010.

THÉRY, Hervé. Classificações de universidades mundiais, “Xangai” e outras. **Estudos Avançados** 24(70), 2010.